

ELOGIO FÚNEBRE PRONUNCIADO NA SEGUNDA-FEIRA, DIA 2 DE SETEMBRO DE 1867

Charles Asselineau

Tradução de Eduardo Horta Nassif Veras
Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais, Brasil

Senhores,

Após as radiantes palavras que acabam de escutar, e que são como a auréola antecipada do poeta, não há mais nada a louvar nem a glorificar; e o mais humilde dos amigos de Baudelaire não viria perturbar a impressão religiosa desse fatídico adeus, se ele não fosse impelido por sua consciência a um último protesto.

Se a glória começa hoje para Charles Baudelaire, a história também começa com ela. Diante desse túmulo, tão precocemente aberto, e que vai se fechar novamente atrás de seus passos, a verdade reclama seus direitos; e o dever somente que ela me impõe dá-me a força para romper o silêncio onde gostaria de deixá-los, onde sobretudo gostaria de me recolher eu mesmo.

Muito se falou da “lenda” de Charles Baudelaire, sem se considerar que essa lenda não era mais que o reflexo de seu desprezo pela estupidez e pela mediocridade orgulhosa.

Falo em nome daqueles que constantemente o amaram, seguiram, compreenderam, e afirmo neste momento solene, com a gravidade da convicção diante da morte: – Sim, esse grande espírito foi ao mesmo tempo um bom espírito; esse grande coração foi também um bom coração.



Há, entre os mortos, quem poderia dizê-lo. Ainda há, graças a Deus, entre os vivos, quem o ateste.

Charles Baudelaire não fará falta apenas a seus admiradores; fará falta a seus amigos, dos quais ele era a alegria, o conselho, o servo devotado e fiel; a esta mãe aflita, exemplar, mas orgulhosa em sua dor, e que se consola pela glória de seu filho, da perda de uma ternura piedosa que nunca lhe faltou. Ele fará falta aos fracos que encorajava, aos desesperados que socorreu, a todos aqueles a quem dava o exemplo do trabalho, da constância e do respeito por si mesmo.

Sua alma sincera e delicada tinha o pudor de suas virtudes, e, por horror à afetação e à hipocrisia, entrincheirava-se em uma reserva irônica que, nele, não era mais que uma forma suprema da dignidade. Eu só poderia lamentar por aqueles que, porventura, enganaram-se a esse respeito.

É preciso abençoar, senhores, é preciso deplorar o milagre que, nesse corpo doente, paralisado, sem voz, manteve até o fim o espírito lúcido e o coração inteligente?

Ah! não evoquemos aqui os horrores da demência e da imbecilidade! O mal, fosse ele um benefício ou uma tortura, deixou intacta e valente até o fim essa razão soberana do poeta: já é suficiente que o tenha deixado mudo e imóvel.

Acreditem naqueles que o assistiram assiduamente; acreditem nos médicos que cuidaram dele, na mãe que esteve em vigília ao seu lado, serviu com uma energia incansável, e que, clarividente e engenhosa, conversava com ele como nos bons tempos: seus olhos nunca cessaram de reconhecer os olhos amados e de os compreender. Sua mão sempre se estendeu primeiro às mãos fiéis.

No auge da doença, ele conversava, por intermédio de um amigo, com seu editor.

Seus olhares foram testamentos claros, eloquentes, que poupam todo embaraço aos executores de suas vontades.

Não, não pode haver dúvida a esse respeito. É por isso que estou aqui; é por isso que lhes falo e encontro a coragem de interrompê-los outra vez e suspender nossa atenção durante esses últimos minutos.

O que Charles Baudelaire sofreu nesses dois anos é inenarrável para qualquer um que entreviesse o suplício de um gênio ardente e ativo condenado à inação e ao silêncio, de um poeta para quem o futuro era tão belo, aprisionado em seu passado como em um calabouço escuro.

Ele sofreu todas as dores e todas as agonias; e o que é mais importante, ele sofreu tudo isso nobremente, dignamente, como filósofo resignado e forte.

Ficou fraco, abatido, exaurido, miserável: insensato, jamais.

Eu o digo bem alto, insisto nisso pois fui testemunha, para que saibam e que possam redizê-lo por sua vez, em resposta a recriminações desavisadas, que não seriam mais que um ultraje.

Senhores, antes de nos separarmos, recomendo-lhes a memória de Charles Baudelaire.

Recomendo-lhes como um exemplo primeiramente, e também como uma riqueza que não deixarão perecer nem pela inveja nem pela indiscrição.

Vocês se lembrarão e repetirão que em nosso amigo manifestou-se ainda essa lei consoladora, admirável, que quer que os mais fortes sejam os melhores, e que os maiores espíritos sejam os mais retos.

L'Étendard, quarta-feira, 4 de setembro de 1867, p. 3; após o discurso de Banville e precedido do seguinte parágrafo: “O senhor Charles Asselineau tomou em seguida a palavra nestes termos”.

Referência

GUYAUX, André. *Baudelaire: Un demi-siècle de lectures des Fleurs du mal (1855-1905)*. Paris: PUPS, 2007. Coll. Mémoire de la critique. p. 425-427.

Recebido em: 25/09/2018

Aceito em: 11/10/2018

Publicado em dezembro de 2018

Eduardo Horta Nassif Veras. E-mail: eduardohnveras@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4803-1482>